

Questões de Espraiamento em PE

Celeste Rodrigues

FL-UL e CLUL

1. Resumo

Nesta comunicação são discutidos alguns casos de espraiamento, representados no CPE-VAR¹. Em primeiro lugar, damos conta dos resultados de uma pesquisa no *corpus* acerca das possibilidades de espraiamento do Nó Vocálico e do Nó P. de V (Ponto ou Lugar de Vogal), em Braga. Em segundo lugar, abordamos o espraiamento do P. de C (Ponto ou Lugar de Consoante) das consoantes palatais sobre o núcleo precedente. Todos as descrições são feitas em termos autosegmentais.

2. Espraiamento do Nó Vocálico no CPE-VAR²

Regista-se uma diferença importante entre os dados de Lisboa e os de Braga, no que se refere à labialidade. Nos dados de Lisboa, não aparecem todas as possibilidades de espraiamento do Nó Labial atestadas nos dados de Braga de alguns falantes. Com efeito, em Braga, além das produções correntes para enunciados do tipo dos referidos na coluna **A** da tabela que se segue (que poderiam igualmente ser de falantes de Lisboa), foram registadas produções como as que se apresentam em **B**. É sobre os dados de **B** que falaremos. Nesta tabela, estão incluídos exemplos de dois fenómenos: de 1 a 5, espraiamento do nó labial no ataque precedente e, em 6, ditongação do núcleo acentuado de determinadas palavras.

	A	B
1. <i>flor, dor, jogo</i>	[ˈflor] [ˈdor] [ˈʒoɾu]	[ˈflʷor] [ˈdʷor] [ˈʒʷoɾu]
2. <i>amoroso, guloso</i>	[ɐmuˈrozu] [guˈlozu]	[ɐmuˈrʷozu] [guˈlʷozu]

¹ Agradecemos aos Professores Doutores Ernesto d'Andrade e Maria João Freitas os comentários feitos a versões prévias do texto aqui apresentado. Esta versão não inclui, por limitações editoriais, a secção relativa a dados dos dialectos insulares apresentada oralmente no Encontro da APL. O CPE-VAR é um *corpus* de fala recolhido nos anos de 1996 e 1997 nas cidades de Lisboa e Braga. Este *corpus* integra 180 gravações de falantes nativos, na forma de entrevista individual, sendo esta última constituída por testes de leitura, conversa formal e informal. Os falantes representam perfis sócio-culturais variados. As variáveis sócio-culturais controladas são as seguintes: sexo, idade e instrução.

² O material do CPE-VAR utilizado na presente exposição pertence a falantes de Lisboa e Braga, de ambos os sexos, de quatro faixas etárias, com três perfis de escolaridade diferentes, num total de três falantes por perfil. Escalões etários considerados: 13-19 anos, 26-39 anos, 40-55 anos e mais de 55 anos. Graus de instrução distinguidos: escolaridade obrigatória, 12º ano, licenciatura. Proveniência do material: discurso informal e leitura de palavras isoladas.

3. <i>conde</i>	[ˈkõdĩ]	[ˈkʷõdĩ]
4. <i>olho, onde</i>	[ˈoɭu] [ˈõdĩ]	[ˈwoɭu] [ˈwõdĩ]
5. <i>Vais onde?</i> <i>Estás onde?</i>	[ˈvajˈzõdĩ] [ʃˈtaˈzõdĩ]	[ˈvajˈzʷõdĩ] [ʃˈtaˈzõˈwõdĩ]
6. <i>Lisboa, meloa</i>	[liʒˈboɐ] [miˈloɐ]	[liʒˈbowɐ] [miˈlowɐ]

Dados como os de 1 a 5 tinham sido referidos anteriormente em Cintra 1983, já depois de Vasconcelos 1901: 79, 80 e 82 e Boléo e Santos Silva 1974: 326. Nestes textos, o fenómeno é entendido como ditongação crescente da vogal tónica, e é dado como característico de uma região que abrange as cidades do Porto e Braga. Nesses trabalhos, diz-se que a ditongação crescente atinge também a vogal não recuada, que ditonga na forma [je]. Diz-se, ainda, que o ditongo crescente [wo] alterna com [wɐ]. Contrariamente a estes autores, cremos que se trata do desenvolvimento de articulações secundárias no ataque que precede as vogais tónicas /e/ e /o/. Existe espraçamento do Nó Vocálico da vogal acentuada em ambos os casos, na posição de ataque imediatamente anterior. Se a vogal for Labial, existe labialização da consoante que precede a vogal tónica, se a vogal for não recuada a consoante adquire um Nó Vocálico da mesma natureza, i. é., é palatalizada.

Para o estudo desta questão nos dados do CPE-VAR, procedeu-se a uma classificação dos dados do *corpus* relativos a todas as vogais arredondadas, acentuadas e não acentuadas das entrevistas das cidade de Braga³. A partir dessa classificação, pode concluir-se que as estruturas subjacentes, passíveis de ser realizadas com labialização idêntica à incluída nos exemplos de 1-5 em **B**, são as seguintes, em Braga: vogais médias (/o/, como em 1, 3, 4 e 5) quando acentuadas, independentemente, da nasalidade (cf. 1 e 3) e da posição na palavra (cf. 3 e 4 e 5) e baixas acentuadas (/ɔ/) só em palavras como as de 2 (i. é, em nomes e adjectivos sujeitos a harmonização vocálica no masculino singular). Isso quer dizer que não foram registadas formas com labialização da consoante precedente em posição átona, como na palavra *horrível*, *desorientação*, *frontalidade* (/o/), nem em palavras como *ourives* (/#oU/) ou *andou* (/+a+u#/). As duas últimas estruturas fonológicas referidas são realizadas maioritariamente com [ow], em Braga (mais de 70% das ocorrências tratadas, referentes a fala espontânea, num registo informal, apesar de a forma [o] ser cada vez mais frequente nas faixas etárias mais baixas e nos falantes com mais instrução).

Com base na classificação de dados efectuada, também foi possível concluir que as palavras do tipo das referidas em 6 (por ex.: *melo*) não apresentam o

³ Isto porque o número de ocorrências que envolvem o espraçamento do Nó Vocálico das vogais não recuadas é muito baixo, no CPE-VAR, nos dados de falantes escolarizados. O processo está em regressão na fala na cidade. Trata-se, em todo o caso, do desenvolvimento da articulação secundária na consoante precedente, que pode ser descrita pelo processo referido em (2), mais adiante, salvo no que respeita ao Nó Labial, visto que /e/ não é Labial.

espraçamento da labialidade da vogal acentuada na consoante imediatamente precedente, tendo por isso um comportamento contrário ao dos exemplos apresentados de 1 a 5. Nestas palavras o espraçamento dá-se em direcção oposta, [mi'lowɐ]. Importa esclarecer a razão desta diferenciação e a posição estrutural que a labialidade ocupa em [mi'lowɐ].

Nas palavras passíveis de sofrer labialização da consoante que precede a vogal labial, os dados tratados de leitura de palavras isoladas e discurso informal permitem concluir que a percentagem de ocorrência de formas com labialização varia apenas entre os 11 e os 13%, nos falantes alfabetizados, apesar da saliência perceptiva que detém junto dos falantes não nativos de Braga. Nesta cidade, a pronúncia comum à variedade linguística de Lisboa é a mais frequente de todas. A variante com labialização é mais frequente na pronúncia dos homens com menos instrução do que nos restantes tipos de informante. Os únicos falantes com idade inferior a 20 anos, do *corpus*, a utilizar as formas labializadas são do sexo masculino, indicando dessa forma que a variante se encontra preferencialmente associada a este sexo e que, apesar de poder ser considerada um traço antigo da variedade dialectal, se encontra ainda vivo na cidade. A interpretação da labialização da consoante como traço conservador é justificada por diversos factos: 1. baixa frequência de ocorrência na pronúncia de falantes com mais instrução; 2. baixa frequência na pronúncia das mulheres, mulheres que em Braga adoptam mais rapidamente do que os homens os traços da variedade linguística padrão, como, em geral, acontece em meios urbanos (cf. Rodrigues 2001). Além destes factos fornecidos pelos dados tratados, a reduzida distribuição geográfica conhecida deste fenómeno argumenta também a favor da sua classificação como traço mais antigo no dialecto do que a variante sem labialização da consoante (cf. Cintra 1983: 153 e 163). Temos que descrever, portanto, um fenómeno que, sendo linguística e perceptivamente relevante, se encontra, hoje, em termos geográficos e sociais, numa situação de perda de utilizadores, sobretudo nos meios urbanos.

O espraçamento da labialidade à direita em palavras como *melo* ocorre, nos dados tratados de Braga, em cerca de 15% das ocorrências. Mais uma vez, estamos perante um fenómeno de utilização restrita, apesar de se registar, tanto na leitura como na fala espontânea, em diversos tipos de informante. O processo tem uma distribuição sócio-cultural mais abrangente do que a labialização.

Perante fenómenos como os identificados acima, afigura-se adequada a adopção da perspectiva autosegmental (Goldsmith 1976a e b, 1990 e 1995, Durand 1986, Kenstowicz 1994), uma vez que a natureza fundamental de que estes se revestem se relaciona directamente com a autonomia e a mobilidade que as propriedades dependentes do Nó Vocálico apresentam nesta variedade linguística. A possibilidade de associação de uma propriedade relativamente autónoma a mais do que uma posição estrutural é uma vantagem descritiva importante, face ao tratamento generativo tradicional destes casos (que implicaria a formulação de uma regra de epêntese de um segmento por inteiro). Além disto, uma descrição, como a que propomos mais adiante, permite relacionar os dois fenómenos aqui tratados, mantendo no entanto a sua diferenciação básica: o primeiro fenómeno consiste no

desenvolvimento de uma articulação secundária na consoante precedente, e o segundo na criação de uma nova raiz segmental, cuja posição em termos silábicos é necessário definir (2º elemento de um núcleo ou ataque da sílaba postónica).

Adoptamos uma representação multilinear dos segmentos aliada a uma hierarquia de traços, já anteriormente adaptada à descrição do PE (cf. Mateus e Andrade 2000 e Rodrigues 2001, que se baseiam fundamentalmente na hierarquia de traços proposta por Clements e Hume 1995). Fazemos uso também dos princípios genéricos da teoria de subespecificação radical (Archangeli 1988) e da fonologia lexical (Kiparsky 1982 e 1985, Mohanan 1985 e 1986, Kaisse e Shaw 1985), nomeadamente no que se refere à existência de uma componente lexical e outra pós-lexical. Finalmente, adoptamos o algoritmo de silabificação de base, cujos efeitos podem ser alterados por ressilabificação, proposto por Mateus e Andrade 2000.

A existência de labialização da consoante que precede a vogal tónica nas palavras do tipo de *dor* [ˈdʷor] e *flor* [ˈflʷor] é um fenómeno que singulariza a região de Braga e do Porto, em relação a Lisboa e a outras variedades de português, como já dissemos.⁴ Apesar de tradicionalmente a questão ser tratada em termos de ditongação (neste caso, criação de um ditongo crescente), cremos que ela deve ser entendida como espraçamento do nó Vocálico da vogal labial acentuada à posição imediatamente precedente, nos moldes que adiante se explicitam, uma vez que a existência de sequências com vogal inacentuável seguida de /o/, tendo os dois segmentos silabificados no mesmo núcleo, por enquanto, não está claramente atestada em português. cremos que, no caso de se tratar de uma vogal arredondada inicial, como em *olho* [ˈwoɫu], *onde* [ˈwõdi], a posição estrutural vazia do ataque da sílaba vai acolher a semivogal arredondada. No caso de o ataque ser preenchido por um segmento apenas (*dor* [ˈdʷor], *jogo* [ˈʒʷoɣu]), a consoante do ataque realiza-se labializada, ou seja, o Nó Vocálico da vogal espraia-se sobre o P. de C da consoante precedente. Nas sílabas de ataque complexo, o nó Vocálico da vogal espraia-se igualmente sobre o nó P. de C da consoante precedente e, na medida em que assume a forma de articulação secundária, não existe violação do número de segmentos permitidos em Ataque (os segmentos continuam a ser dois). O processo é independente da nasalidade, como os exemplos acima demonstram.

Segue-se a representação do espraçamento do nó Vocálico da vogal à posição de ataque vazia, que, segundo as convenções de silabificação de base, foi criada nestas palavras por elas não possuírem, na estrutura, um segmento associável a um ataque em posição inicial (isto porque a sílaba canónica em português é CV)⁵. Observações: "※"

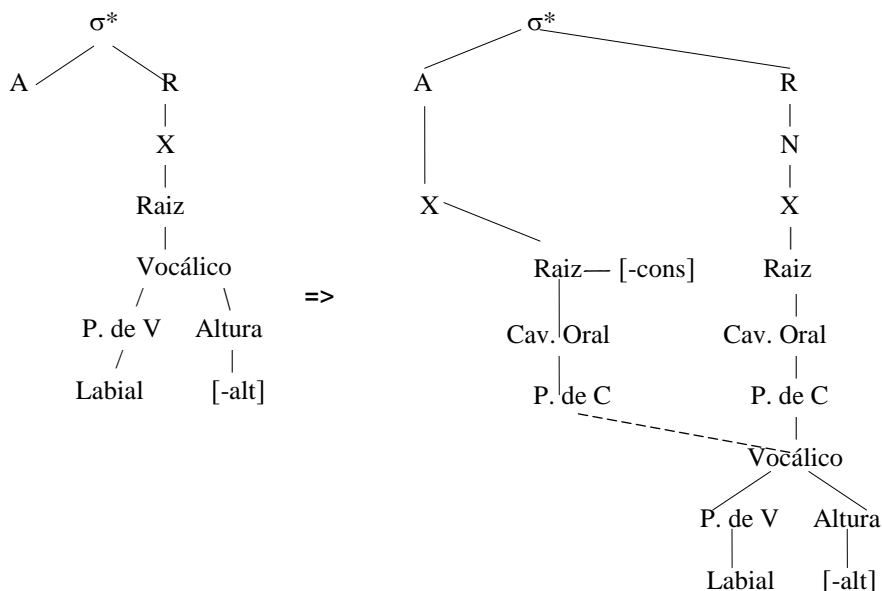
⁴ Cf. Cintra 1983: 153 e 163 e Rodrigues 2001: 101-106.

⁵ A sílaba fonológica canónica do PE tem a estrutura CV, mesmo nos casos em que não existe especificação de consoante à esquerda da vogal (cf. Vigário e Falé 1993, Mateus 1993 e 1994, Andrade e Viana 1993). A concepção ou não de uma unidade temporal na fiada do esqueleto para os segmentos vazios tem sido discutida. cremos, até prova em contrário, que essa posição é provida só no momento em que uma raiz

identifica convencionalmente a sílaba portadora do acento de palavra. As semivogais implementadas foneticamente são os únicos segmentos sonantes não consonânticos que podem ser associados a uma posição de ataque silábico. Além disso, são contínuas, vozeadas e altas, por defeito, e distinguem-se, uma da outra, por só uma ser Labial (ou pelo valor do traço recuado). Todos os traços ou nós de classe que possam ser definidos por defeito ou redundância, que não tenham directa relação com os processos em discussão, serão omitidos na formalização. Uma vez que as vogais são os únicos segmentos que podem ocupar a posição de núcleo de sílaba em português, sempre que um segmento estiver associado a essa posição, ainda que o processo o não indique, deve assumir-se que se trata de um segmento sonante não-consonântico, vozeado, contínuo, com um Nó Vocálico especificado, se se tratar de uma posição acentuada diferente da vogal assimétrica.

Considerando tudo isto, pode dizer-se que, para alguns falantes de Braga, se a vogal /o/ se encontrar numa sílaba de ataque vazio, como acontece em *olho* e *onde*, a posição de ataque será preenchida por um segmento que possui a mesma especificação para o nó Vocálico dessa vogal. Como se trata de um ataque, não poderá ser uma vogal, e realiza-se como semivogal, segmento alto, por defeito.

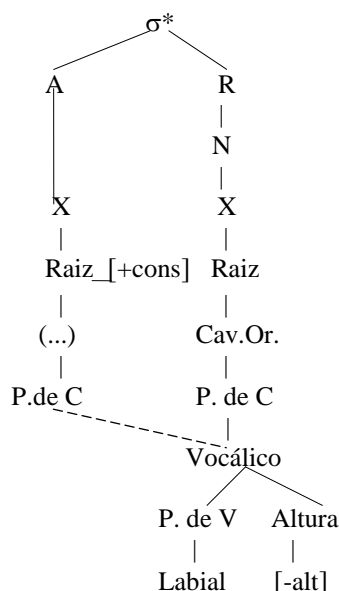
(1) Espraçamento do Nó vocálico no ataque vazio precedente: *onde*



venha a ocupá-la (em conformidade com a configuração do processo que formalizámos em primeiro lugar).

No caso de o ataque se encontrar preenchido por uma consoante, como acontece em *dor*, o nó Vocálico da vogal tónica labial espraia-se sobre o nó P. de C da consoante precedente, que se realizará assim com uma articulação secundária (ou seja, passa ter também um P. de V labial). Uma vez que não é conveniente especificar a natureza exacta da consoante que precede a vogal tónica, porque pode ter várias naturezas, na configuração que se segue (como noutras daqui para a frente), "(...)" representa uma parte da especificação exacta dessa raiz. Deve entender-se que, no caso de o ataque da sílaba ser complexo, o processo actua de modo idêntico, a única diferença residindo no número de segmentos dependentes do ataque da sílaba.

(2) Labialização da consoante do ataque que precede um /o/ acentuado:⁶ *dor*



O processo de espraçamento que associa o nó Vocálico da vogal arredondada à posição de ataque à sua esquerda, de que vimos dois exemplos, aplica-se depois de haver especificação da vogal como acentuada. Efectivamente, palavras, como *horrível*, *desorientação*, *frontalidade*, *ostentação*, com /o/ átono, não são afectadas pelo processo. O processo não apresenta restrições de carácter morfológico e pode aplicar-se entre palavras, ou seja associando a articulação vocálica à consoante final da palavra anterior, como em: *Vais onde?* [ˈvajˈzʷõdi]. Por essas razões pode ser considerado

⁶ Para simplificar a formalização, adopta-se aqui um modo de representação sem dupla referência da configuração envolvida no processo.

pós-lexical⁷. Outro facto que mostra que o processo é pós-lexical é o de palavras como *guloso* também poderem ser atingidas por ele. Estas palavras têm vogal baixa lexicalmente, mas sofrem um processo assimilatório, desencadeado pela vogal final, que faz com que a vogal se realize como [o]. Poslexicalmente, a vogal daí resultante é tratada como todos os /o/s acentuados, ou seja, também pode desencadear a labialização da consoante do ataque precedente. A labialização em sílaba acentuada, em Braga, deve ter sido mais generalizada do que se apresenta hoje em dia. Agora, só se encontra na pronúncia de alguns tipos de falantes, em particular, na dos homens menos instruídos e já de forma não sistemática. Os dados indicam que este processo está em regressão, apesar de ainda aparecer na pronúncia de certos falantes da faixa etária mais jovem⁸.

Nas palavras em que a vogal /o/ é a última do radical de um nome como *melo*, *Lisboa*, sendo a sílaba seguinte de ataque vazio, opcionalmente, ocorre [w] entre as duas vogais da estrutura /#meloN+a#/: [mĩ'lowɐ]⁹. Neste caso, poderíamos pensar tratar-se da associação à posição de ataque vazio da sílaba pós-tónica do nó Vocálico da vogal tónica, que seria realizado por consequência como [w]. Tratar-se-ia, portanto, de um processo simétrico do que ocorre na palavra *olho* (cf. (1), acima). cremos, porém, que uma explicação alternativa é preferível nestes casos, por estar mais de acordo com os processos que o PE exhibe e com a silabificação feita destas palavras pelos falantes. Com base na pronúncia [mĩ'lowɐ], a semivogal nunca seria silabificada por um falante nativo na mesma sílaba da vogal final. Pensamos tratar-se de mais um caso na fonologia do português em que núcleos são subdivididos¹⁰. Não restam dúvidas de que a ditongação de núcleos simples existe em português (por exemplo, em certas terminações nasais). O mesmo já não se pode dizer de um processo qualquer tendente a preencher ataques vazios. Na verdade, o número de ataques vazios fonologicamente é muito alto na língua, embora processos de ressilabificação pós-lexicais possam preenchê-los, com alguma frequência (em posição inicial de palavra, sobretudo).

⁷ Cf., no entanto, o processo de espraçamento à direita em palavras como *melo*, que é preferido, em detrimento da labialização da consoante, na estrutura /oN+a#/, quando /N/ se mantém flutuante. Apesar disso, mesmo em palavras como esta pode aparecer esporadicamente [ʷo], [mĩ'1ʷoɐ].

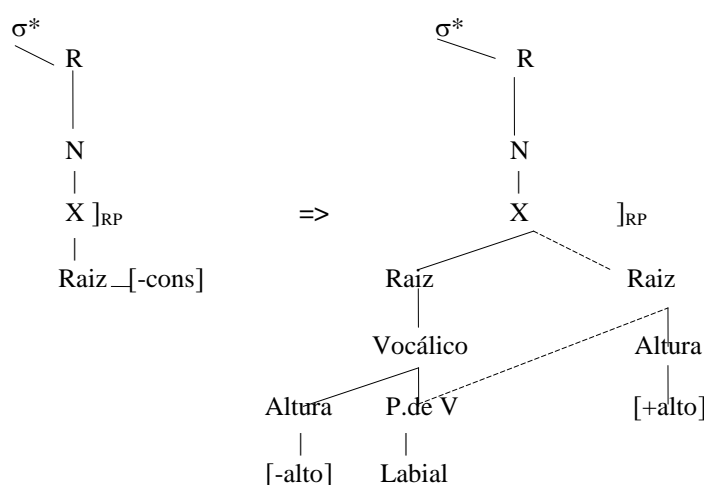
⁸ De resto, o processo idêntico que permitia produções como [ˈkʲeti] para *quente* em Braga, já quase não ocorre nos falantes do CPE -VAR.

⁹ A semivogal que pode aparecer em *melo*[w]a não deve ser confundida com a de *meloal* [mĩlw'aɫ]. A primeira resulta de uma inserção na sílaba acentuada, a segunda resulta da semivocalização da vogal /o/ não acentuada e adjacente a outra vogal.

¹⁰ Dizemos “subdivididos” ou “ditongados”, e não “ramificados”, porque os núcleos continuam a possuir só uma posição na estrutura, ao contrário dos núcleos ramificados.

A ditongação do núcleo foi encontrada por Mateus e Andrade 2000: 80 e 133, em palavras como *areia* /#are+a#/ e como *andam* /#aNd+a+N#/, *bem* /#beN#/. A semivogal inserida partilha o P. de V da vogal existente no núcleo, e por isso, é umas vezes recuada, outras não recuada. Em todos os casos, ela é silabificada no núcleo e, uma vez que não existe na representação lexical das palavras, o ditongo existente foneticamente só tem uma posição na estrutura (ao contrário do que se passa numa palavra como *irmão*, na qual a semivogal final resulta de semivocalização da vogal que marca o masculino). Nas palavras do tipo de *melo*, em Braga, cremos que acontece o mesmo: o núcleo final do radical é ditongado se for acentuado, a semivogal partilha o P. de V da vogal do núcleo, mas o peso da sílaba mantém-se. O processo só incide sobre núcleos acentuados e, como não existem em português palavras esdrúxulas com contexto para a sua aplicação, parece ter aplicação morfológicamente condicionada. Nessa medida poderá ser considerado lexical. O facto de ser um processo lexical explicaria que as palavras que sofrem a sua acção não fossem abrangidas, poslexicamente, pelo processo de espraimento à esquerda (labialização): o nó vocálico nunca se espraia para os dois lados numa palavra, nos casos que conhecemos.

(3) Inserção de [w] no núcleo acentuado¹¹: *melo*



A existência de labialização evidencia que a variedade dialectal de Braga preserva vestígios de uma fase da sua evolução em que a especificação do Nó Vocálico das vogais acentuadas dispunha de várias possibilidades de associação. A descrição das palavras como *melo*, proposta acima, permite dar conta da semelhança destas palavras e das do tipo de *areia* e *andam*, nas quais a ditongação também se dá. Ao contrário da labialização, a ditongação decrescente do núcleo /o/ em Braga tem grande vitalidade,

¹¹ "RP" - Raiz de Palavra.

registrando-se em quase todos os tipos de falante em discurso informal e leitura de palavras. Isso não é de admirar, já que em Braga a realização de /oU/ como ditongo ocorre em mais de 70% dos casos, como já foi dito.

3. Espraiamento do P. de C das consoantes palatais no núcleo precedente

Rodrigues 2001: 106-113, apresenta dados que indicam que, em Braga, /ε/ pré-palatal não está sujeito a variação e que, em Lisboa essa vogal só varia antes de fricativa palatal, embora raramente envolva o aparecimento de semivogal. Já entre a vogal não recuada /e/ e um segmento consonântico palatal, os dados então apresentados incluem produções com e sem inserção de [j] em palavras como *esteja*, *fecha*, *tenha*, *telha*, *sexto*, *ex-marido* com alguma frequência, nas duas cidades: [ʃ'tɛʒɐ]~[ʃ'tɛjɐ], [ˈfɛʃɐ]~[ˈfɛjʃɐ], [ˈtɛɲɐ]~[ˈtɛjɲɐ], [ˈtɛλɐ]~[ˈtɛjλɐ], [ˈsɛʃtu]~[ˈsɛjʃtu], [ˈɛʒmɐˈridu]~[ˈɛjʒmɐˈridu]. Detenhamo-nos somente nas estruturas que contêm /e/, sobretudo em posição tónica¹². Aí verifica-se que, antes de uma fricativa heterossilábica (*seja*, *fecha*), a semivogal aparece mais do que em todos os outros contextos palatais, nas duas cidades. Em Lisboa, a semivogal não aparece antes de consoante palatal sonante (em palavras como *telha*, *tenha*), mas em Braga pode aparecer nesse contexto (cf. Rodrigues 2001: 108-109). A inserção da semivogal antes de <x> da mesma sílaba (*texto*, *textual*, por exemplo), mesmo em sílaba átona é frequente nas duas cidades, mas não sistemática. Conclui-se, por isso, que em PE a ocorrência da semivogal pré-palatal não é um processo de aplicação categórica¹³. A qualidade da semivogal parece estar de acordo com a especificação do nó Vocálico da vogal /e/ e, também, com o nó P. de C do segmento palatal que segue a vogal tónica nos casos seguintes: *tenha*, *telha*, *seja*, *fecha* (porque esses segmentos palatais são também não recuados e não anteriores). Acontece que a semivogal só ocorre em

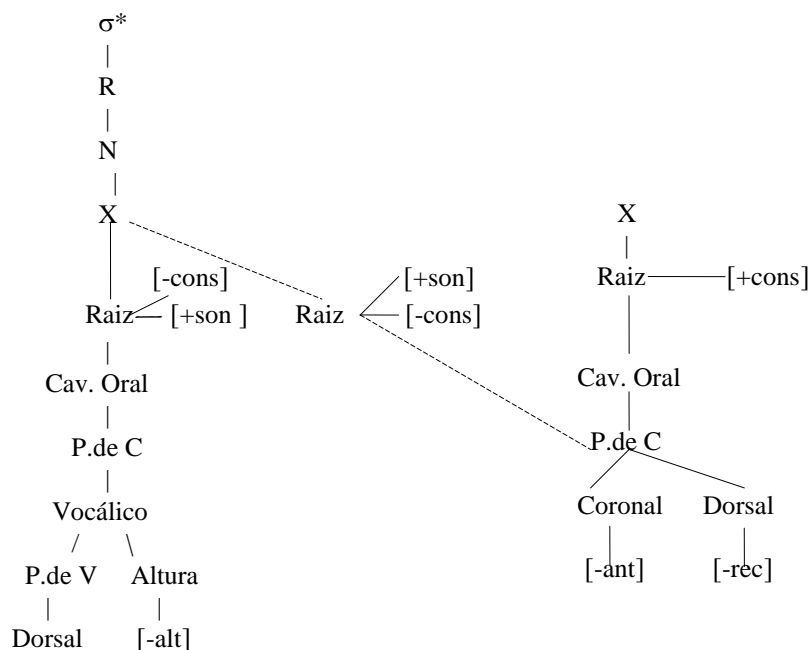
¹² Apesar de palavras como *experiência textual*, *explicar* poderem ser realizadas com semivogal, isto é com [ɛjʃ] na primeira sílaba, a maior parte das palavras com /e/ átono não são produzidas dessa maneira: *sejamos* [siˈʒɐmuʃ], *tenhamos* [tiˈɲɐmuʃ], *telhado* [tiˈλadu], *fechadura* [fiˈʃɐˈdure], *nesguinha* [niʒˈɡiɲɐ], *restabelecer* [Riˈstɛbliˈser], etc.. Note-se que as formas agramaticais usadas por alguns locutores de PE, *sêjamos*, *estêjamos*, etc., nas quais a vogal pré-palatal é acentuada, são muitas vezes ditongadas: *[ˈsɛjʒɐmuʃ] ~*[ˈsejʒɐmuʃ], *[ˈtɛjʒɐmuʃ] ~*[ˈtejʒɐmuʃ], mostrando que o processo está, em princípio, dependente do acento.

¹³ Tal como não é categórica a inserção da mesma semivogal, em contexto pré-palatal, em palavras como *longe* ou *hoje*, cujas realizações, [ˈlõʒi] e [ˈojʒi], são marcadas. Neste caso, a semivogal inserida não concorda com o P.de V da vogal tónica, só concorda com o P. de C da consoante seguinte, o que mostra que se trata de uma assimilação regressiva. A possibilidade de realizar a palavra *longe* como atrás mostrámos mostra, ainda, que a semivogal é silabificada no núcleo da sílaba, uma vez que é nasalizada (/N/ associa-se ao núcleo, não ao ataque, já preenchido).

palavras em que a consoante é palatal (ou seja Coronal (-anterior) e Dorsal (-recuada)) e não pode ocorrer em palavras em que a consoante seguinte é anterior ou é recuada (ex. *teça*, *seco*). Por isso, a presença da semivogal tem de estar relacionada com o P. de C da consoante e não com o nó Vocálico da vogal do núcleo. A independência da natureza da vogal e da semivogal tem reflexo no facto de existirem realizações com e sem semivogal, independentemente de haver ou não centralização da vogal (ex. *cortejo* [kur'tejʒu], [kur'tejʒu]¹⁴). Uma vez que a semivogal não está ligada estruturalmente a qualquer posição na fiada do esqueleto, e não pode ser silabificada com a consoante palatal no ataque, ela será associada ao núcleo silábico anterior. A silabificação da semivogal no núcleo não é um fenómeno isolado em PE, como se demonstrou atrás, e não é problemática. A inserção da semivogal ocorre, igualmente, em palavras como *sexto* [ˈsɛjʃtu], *ex-marido* [ˈɛjʒmɐˈridu], mas não em palavras como *cesto* [ˈsɛʃtu] e *testo* [ˈtɛʃtu], o que coloca um problema de especificação da consoante palatal que possibilita a inserção da semivogal pré-palatal. Esse segmento tem de possuir especificação para o P. de C (neste caso, Coronal não-anterior e Dorsal não-recuado), ao contrário das codas fricativas normais. A regra não necessita de especificar se a vogal da sílaba onde a semivogal vai ser associada é recuada ou não recuada (basta referir só o nó Dorsal da vogal e, dessa maneira, ela aplica-se quer a vogal seja centralizada, quer não, pela regra de centralização pós-lexical, que para o efeito Rodrigues 2001: 290, propôs).

¹⁴ cremos que a existência de semivogal é independente da centralização. cremos, por outro lado, que a inserção da semivogal é independente da especificação do nó Dorsal da vogal, mas depende da qualidade da consoante seguinte. Nas palavras *palha* e *folha* (por exemplo) também pode haver inserção da semivogal não recuada, em Braga. A centralização da vogal não recuada pré-palatal é um processo independente da existência da semivogal. Pode haver semivogal com e sem centralização da vogal e também pode haver centralização com e sem semivogal: [kur'tejʒu], [kur'tejʒu], [kur'tɛʒu], [kur'tɛʒu]. A centralização das vogais não recuadas é um processo dissimilatório, relacionado com o nó P. de C dos dois segmentos adjacentes. Em Lisboa, a consoante nasal palatal, que é a que implica maior percentagem de centralização da vogal anterior (mostrando dessa maneira que foi esse o primeiro contexto a desenvolver a centralização), impede a existência da semivogal, ao contrário do que sucede com as outras consoantes palatais. Em Braga, esse impedimento não se verifica, ou seja, em Braga, pode haver semivogal em *tenha* e em *cortejo*, embora antes de nasal isso aconteça menos vezes (cf. Rodrigues 2001: 110-113).

(4) Inserção de [j] pré-palatal



O segmento inserido é alto, por defeito, e porque, de outro modo, não poderia ser associado ao núcleo, por ele já conter uma vogal não alta (num mesmo núcleo, em português, não podem existir dois segmentos [-alto]s). Parece-nos claro que a semivogal começou por ocorrer, em sílaba acentuada, entre /e/ e uma fricativa heterossilábica (*seja, fecha*) e se está a expandir para outros contextos palatais acentuados e não acentuados. Em Lisboa, por exemplo, a semivogal ainda não ocorre antes de consoante palatal sonante, mas em Braga já pode ocorrer de forma esporádica nesse contexto. O facto de /S/ em coda ser realizado como [-ant] (*sexto, ex-marido*), exactamente como as realizações de /ʃ/ e /ʒ/ em ataque de sílaba (*fecha, seja*), pode ter contribuído para a expansão a certas sílabas acentuadas e não acentuadas com /S/ tautossilábico (*textura, experiência*).

5. Conclusão

Tendo por base material do CPE-VAR, foi possível discutir um conjunto de fenómenos que exemplificam algumas das possibilidades de espraçamento do Nó Vocálico em PE. Discutimos, ainda, o espraçamento de P. de C das consoantes palatais nos núcleos precedentes. Optámos por análises que descrevem diversos casos de articulação secundária, dispensando a concepção de ditongos crescentes em PE.

A análise de todos os dados referidos até aqui permite-nos fazer ainda alguns outros comentários acerca do espraçamento em PE.

1º: Não é apenas em Braga que o espraçamento do Nó Vocálico das vogais tónicas /e/ e /o/ (sobretudo desta última) no ataque precedente se dá. Na região do Porto isso também acontece. Aí, a palavra *Porto*, por exemplo, pode ser realizada como: [ˈportu], [ˈp^wortu] ou [ˈp^wɐrtu]. Tudo parece indicar que [ˈp^wɐrtu] seja uma variante mais recente do que [ˈp^wortu], visto que mostra que, depois de haver associação ao ataque precedente, a vogal já não necessita de se manter Labial. Essa forma não foi encontrada em Braga, senão esporadicamente, apesar de ser corrente em falantes do Porto.

2º: A existência de labialização, idêntica à registada em Braga, existente nos Açores (cf. dados em Martins e Vitorino 1989 e Segura da Cruz e Saramago 1999), tem de ser levada em consideração quando se pensa na génese destes processos.

3º: O desenvolvimento das articulações secundárias pode desencadear uma cadeia de outros processos. No caso do eixo Porto-Braga, pode acarretar perda de labialidade da vogal que desencadeia a articulação secundária.

4º: A existência das articulações secundárias aqui descritas vem reforçar a ideia de que existem consoantes labializadas em PE (de Mateus 1993).

Andrade, Ernesto d' (1993): Algumas Particularidades do Português Falado no Funchal, in *Actas do 9º Encontro da APL-Coimbra*, Lisboa, APL, pp.17-30.

Andrade, Ernesto d' e M. Céu Viana (1993): Sinérese, Diérese e Estrutura Silábica, in *Actas do 9º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, APL, pp. 31-42.

Archangeli, Diana (1988): Aspects of Underspecification Theory, in *Phonology* 5, pp. 183-208.

Boléo, M. de Paiva, e M. Helena Santos e Silva (1959): "O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental", in *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Vol.I: *Dialectologia e História da Língua*, Coimbra Acta Universitatis Conimbricensis, 1974, T. I, pp. 309-352.

Cintra, L. F. Lindley, (1983): *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa.

Clements, G. e E. Hume (1995): The Internal Organization of Speech Sounds, in Goldsmith, J. (ed.) (1995): *The Handbook of Phonological Theory*, 7, pp. 245-317.

Durand, J. (ed.) (1986): *Dependency and Non-Linear Phonology*, Croom Helm Linguistic Series, London, Croom Helm.

Goldsmith, J. (1976a(1979)): *Autosegmental Phonology*. PhD. Dissertation MIT, Distributed by IULC, New York, Garland Press.

Goldsmith, J. (1976b): An Overview of Autosegmental Phonology, in *Linguistic Analysis*, 2, pp. 23-68.

- Goldsmith, J. (1990): *Autosegmental and Metrical Phonology*, Oxford, Cambridge, Basil Blackwell.
- Goldsmith, J. (ed.) (1995): *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford, Blackwell.
- Kaisse, E. e P. Shaw (1985): On the Theory of Lexical Phonology, in *Phonology Yearbook*, 2, pp. 1-30.
- Kenstowicz, M. (1994): *Phonology in Generative Grammar*, Blackwell Textbooks in Linguistics, Cambridge, Oxford, Blackwell.
- Kiparsky, P. (1982): *Explanation in Phonology*, Language Sciences 4, Dordrecht, Foris Publications.
- Kiparsky, P. (1985): Some Consequences of Lexical Phonology, in *Phonology Yearbook*, 2, pp. 85-138.
- Martins, Ana-Maria e Gabriela Vitorino (1989): Palatalisation et Vélarisation Conditionnées de la Voyelle Tonique dans Certains Dialectes Portugais. Evolutions Identiques dans l'Espace Roman, in *Espaces Romans Études de Dialectologie et de Géolinguistique Offertes à Gaston Touaillon*, Vol. II, ELLUG, Univ. de Stendhal – Grenoble 3, pp.330-356.
- Mateus, M. Helena Mira (1993): Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphtongs, in *Workshop on Phonology*, Coimbra, APL, pp. 93-104.
- Mateus, M. Helena Mira (1994): A Silabificação de Base em Português, in *Actas do 10º Encontro da APL - Évora*, Lisboa, APL, pp. 289-300.
- Mateus, M. Helena Mira e Ernesto d'Andrade (2000): *The Phonology of Portuguese*, Oxford University Press, Linguistics, Oxford.
- Mohanan, K. (1985): Syllable Structure and Lexical Strata in English, in *Phonology Yearbook*, 2, pp. 139-155.
- Mohanan, K. (1986): *The Theory of Lexical Phonology*, Dordrecht, D. Reidel.
- Pereira, Isabel (1999): *O Acento de Palavra em Português Uma Análise Métrica*, Tese de Doutoramento, FL-UC, Coimbra.
- Rodrigues, Celeste (2001): *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, Tese de Doutoramento, FL-UL, Lisboa, 3 vols.
- Segura da Cruz, M. Luísa e João Saramago (1999): Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”, in *Lindley Cintra Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, (org. Isabel Hub Faria), Edições Cosmos, FL-UL, Lisboa, pp. 707-738.
- Vasconcelos, J. Leite de (1901): *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, (3ª ed. por M. Adelaide Valle Cintra), INIC, CLUL, Lisboa, 1987.
- Vigário, Marina e Isabel Falé (1993): A Sílabo do Português Fundamental: Uma Descrição e Algumas Considerações de Ordem Teórica, in *Actas do 9º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, pp. 465-478.